



**CURSO MISSIOLOGIA 2019**  
(FÁTIMA, 26 E 31 DE AGOSTO - MISS. CONSOLATA)

## MISSÃO e Igreja

O curso iniciou com a participação de D. António Couto, Bispo de Lamego, que falou sobre o tema «S. Lucas e a Missão». Lucas, o evangelista do movimento e da universalidade; da misericórdia, da missão e da simplicidade. O processo do Evangelho é igual ao resultado: é no processo do encontro que está o resultado. Colocarmo-nos no caminho do diálogo e de escuta. A necessidade da escuta, é o silêncio que nos faz.



No segundo dia tivemos a presença de D. José Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda, que nos falou de «A Missão em Portugal e desde Portugal». A missão é comunhão, uma vez que, se estamos sozinhos, o mal vence sempre. A cruz faz-nos sair de nós próprios e da nossa autorreferencialidade. A nossa vida, quanto mais se consome mais se vive. É a qualidade das nossas relações que contagia. Urge que humanizemos o humano e que que tenhamos atenção ao perigo do consumismo espiritual, pois este desvia-nos do essencial! Não sejamos como o eucalipto, que seca tudo à sua volta. Metáfora da peregrinação, colocando tudo em chave teológica e recorrendo aos cinco verbos do Papa Francisco: primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar. Seguiu-se, na quarta-feira, a Doutora Teresa Messias, que nos falou da «Espiritualidade Missionária»: uma relação que nos transforma e nos leva a transformar o mundo. Uma pedagogia do elogio, detetando o bom da nossa vida. Continuo dom do Verbo: intrínseca relação com a Trindade. Jesus é, Ele pró-

prio, a atividade missionária por excelência. Porque Jesus é, na sua natureza, a Missão. Espiritualidade da missão é uma espiritualidade da desinstalação, uma espiritualidade de movimento interior e exterior; um esvaziamento que gera vida. Não podemos testemunhar Cristo sem espelhar-mos Cristo. O discernimento e os critérios inicianos: 1) o que é mais urgente; 2) o que é mais universal; 3) o que é mais necessário; 4) o que outros não podem fazer. A missão da Igreja avança de mortes em ressurreições e de ressurreições em mortes.

A quinta-feira foi dedicada ao tema de «Literatura e Teologia», introduzido pelo Padre Adelino Ascenso. Após uma parte sistemática sobre os temas de literatura e fé, literatura e teologia, a natureza da narrativa e a tradição literária japonesa, foram apresentados alguns elementos da cultura japonesa: a harmonia, o esconhecimento, o silêncio e a «tripla insensibilidade» (Deus, pecado e morte), mundo em que o Cristianismo continua a ter uma presença pequena em número, embora muito respeitada pelos japoneses por causa do serviço que ela presta a todos, independentemente da religião, tal como refere o Papa Francisco. No contexto das perseguições do século XVII — e através do estudo do romance Silêncio do escritor católico japonês Shusaku Endo —, o martírio e a apostasia foram analisados e avaliados, ao lado do denominado silêncio de Deus e foi realçada uma nova imagem de Cristo (débil, mater-

nal e companheiro). Na sexta-feira, Frei José Nunes, com o seu tema «Missão e Diálogo» mostrou-nos, com base nos mais importantes documentos do magistério da Igreja, como têm sido dados passos gigantescos na abertura ao diálogo inter-religioso. Conduziu-nos ao longo dos níveis de diálogo espiritual, de colaboração e doutrinal. No diálogo, não se trata de converter o outro à minha religião, mas sim converter-me a mim próprio. Partilhámos dialogando; o resto terá de ser trabalho do Espírito Santo. O grande objetivo do diálogo doutrinal é o enriquecimento contínuo. Só quem está bem alicerçado na sua fé pode envolver-se num diálogo profícuo, sem erigir barreiras intransponíveis e sem cair em algum sincretismo ingénuo. Para haver diálogo será necessário que haja formação sobre as outras religiões com as quais se dialoga. Na manhã de sábado, a família Martins dos Santos (Miguel, Joana e a Joanhinha: Juju) partilhou a sua experiência missionária em Moçambique. Uma narrativa fascinante, como o são as narrativas de realização de sonhos. Um verdadeiro encontro, no âmago do ser-se missão, nunca nos deixa indiferentes. Planear, participar, pertencer, partir — servir! Ficar e encontrar. Muito obrigado pelo vosso testemunho da liberdade do sim — sem medo —, tão comvente porque verdadeiro.

Texto: P. Adelino Ascenso  
Foto: Ir. Célia Cabecinhas

## MISSÃO e Mundo



A Igreja Católica está viver desde o 1 de outubro o “Mês Missionário Extraordinário”, por decisão do Papa, que procura promover comunidades mais abertas e dispostas a anunciar a sua fé.

O Papa Francisco anunciou formalmente a convocação deste mês especial em outubro de 2017, para assinalar o centenário da promulgação da Carta Apostólica ‘Maximum illud’, do Papa Bento XV.

Na abertura do mês missionário o Papa afirmou: que este “Mês Missionário Extraordinário nos dê uma sacudidela que nos provoque a ser ativos no bem. Não notários da fé e guardiões da graça, mas missionários. Mas como fazer para se tornar missionário? Vivendo como testemunha: testemunhando com a vida que se conhece Jesus”.

E continua: “A fé não é propaganda nem proselitismo, mas um respeitoso dom de vida. Viver espalhando paz e alegria, amando a todos, incluindo os inimigos, por amor a Jesus.”

“Neste mês, perguntemo-nos: Como é o meu testemunho? Quem está com Jesus sabe que possui aquilo que se doa; e o segredo para possuir a vida é doá-la”, disse Francisco.

“Pecamos por omissão, ou seja, contra a missão, quando, em vez de espalhar a alegria, nos fechamos numa triste vitimização, pensando que ninguém nos ama nem compreende. Pecamos contra a missão, quando cedemos à resignação: «Não consigo fazer isto, não sou capaz». Pecamos contra a missão, quando, num lamento sem fim, continuamos a dizer que está tudo mal, no mundo e na Igreja. Pecamos contra a missão, quando caímos escravos dos medos que imobilizam, e nos deixamos paralisar pelo «sempre se fez assim». E pecamos

**PAPA DESAFIA CATÓLICOS  
COM MÊS EXTRAORDINÁRIO DEDICADO À MISSÃO**

contra a missão, quando vivemos a vida como um peso e não como um dom; quando, no centro, estamos nós com as nossas fadigas, não os irmãos e irmãs que esperam ser amados.”

Para o Papa Francisco, Deus pede para que sejamos um dom no lugar onde nos encontramos, com quem está ao nosso lado. Deus “espera também que alguém tenha a coragem de partir, ir aonde falta esperança e dignidade, ad gentes, aonde tantas pessoas vivem ainda sem a alegria do Evangelho”.

### Regulamento Geral de Proteção de Dados

Há anos que criámos com os nossos assinantes uma relação de proximidade, verdade e lealdade salvaguardando sempre a livre vontade dos nossos assinantes cancelarem ou alterarem a sua assinatura quer através de e-mail (missio.omp@netcabo.pt) quer por telefone (218148428) pois acreditamos nos valores de uma comunicação idónea e responsável cumprindo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados em vigor.

### eu participo na Obra S. Pedro Apóstolo DAR UM ROSTO À ESPERANÇA

Nome: \_\_\_\_\_  
Morada: \_\_\_\_\_  
Código Postal: \_\_\_\_\_  
Localidade: \_\_\_\_\_  
NIF: \_\_\_\_\_  
Assinatura \_\_\_\_\_

SIM, desejo colaborar na Campanha “DAR UM ROSTO À ESPERANÇA”, contribuindo desta forma para a formação de um clero nas Missões, para o que envio um cheque no valor de:

5 Euros  25 Euros  50 Euros  100 Euros  200 Euros  
 400 Euros — (Uma bolsa de estudos completa)  \_\_\_\_\_ Euros

Dados bancários para transferência:  
OBRA DA PROPAGAÇÃO DA FÉ  
Nº Conta — 23521434 NIB — 0033 0000 0002 3521 434 05  
Banco Millennium — BCP

Favor preencher e enviar para:  
OBRAS MISSIONÁRIAS PONTIFÍCIAS  
Rua Ilha do Príncipe, 19  
1170-182 LISBOA

NB: Agradecemos o envio do seu NIF para efeitos fiscais.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para esta obra. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.

## MISSÃO e Mundo



### Editorial

**Redescobrir a alegria da Missão**  
P. António Manuel Batista Lopes, SVD

“Batizados e Enviados. A Igreja de Cristo em Missão no mundo” é o tema do Mês Missionário Extraordinário de outubro 2019. Para melhor vivermos este mês Missionário, a Conferência Episcopal Portuguesa declarou um Ano Missionário extraordinário com o tema: “Todos, Tudo e Sempre em Missão”. Pelo batismo, todos os cristãos estão chamados a assumir os desafios missionários, mas, se repararmos bem, é incrível como a consciência missionária é ainda tão minoritária entre nós. Daí que se imponha todo um esforço de animação e formação missionária porque o problema não é a falta de pessoas mas a falta de consciência missionária. Podemos perguntar: Como estão de animados missionariamente os católicos? Como é que a animação missionária das pessoas e comunidades entrou, se é que já entrou, na pastoral ordinária? O Papa Francisco fala de conversão pastoral. Nós podemos, parafraseando-o, falar de conversão missionária. Também o papa João Paulo II falava disso na Redeptoris Missio 49: “Impõe-se uma conversão radical da mentalidade para nos tornarmos missionários — e isto vale tanto para os indivíduos como para as comunidades”. Trata-se de uma conversão de vida, de visão, de ação e de uma conversão que não é pontual, ocasional ou excepcional mas continuada, que tem lugar ao longo da vida e nas mais diversas circunstâncias.

Deixai que faça eco das palavras do papa Francisco na abertura deste mês Missionário extraordinário: o Senhor chama-te a ti, pai e mãe de família; a ti, jovem que sonhas com grandes coisas; a ti, que trabalhas numa fábrica, numa loja, num banco, num restaurante; a ti, que estás sem trabalho; a ti, que estás numa cama de um hospital ou num lar... O Senhor pede que te faças dom nesse lugar onde estás, assim como estás, com quem está ao teu lado. Coragem! O Senhor espera muito de ti. O Senhor espera que alguém tenha coragem de partir, ir onde há mais falta de esperança e dignidade, onde tantas pessoas vivem ainda sem a alegria do Evangelho. Vai! O Senhor não te deixará sozinho. Coragem... reencontra, neste mês, cada ano e cada dia, a tua fecundidade na alegria da missão.

**Pelo batismo, todos os cristãos estão chamados a assumir os desafios missionários, mas, se repararmos bem, é incrível como a consciência missionária é ainda tão minoritária entre nós.**

Nº 3 Ano 17  
Julho/Agosto/Setembro 2019  
Publicação Periódica Trimestral  
Obras Missionárias Pontifícias  
Preço de Capa 0,01 Euro

**FICHA TÉCNICA**  
DIRECTOR  
P. António Manuel Batista Lopes, SVD  
PROJECTO GRÁFICO  
João Cláudio Fernandes  
MISSÃOZINHA OMP  
Anna Kudelska  
PROPRIEDADE E EDIÇÃO  
Direcção Nacional de Propagação da Fé  
SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Ilha do Príncipe, 19  
1170-182 LISBOA  
Tf: (+351) 21 814 84 28  
Email: missio.omp@netcabo.pt  
Homepage: www.opf.pt  
ESTATUTO EDITORIAL  
https://www.opf/missao-omp  
EXECUÇÃO GRÁFICA:  
SERSILITO - Empresa Gráfica, Lda  
www.sersilito.pt  
Registo na ERC nº 104247  
Depósito Legal Nº 192499/03  
NIPC 501 132 619 - I.S.S.N. - 1647 - 9203  
TIRAGEM: 5 000 exemplares  
FOTOGRAFIAS:  
João Fernandes; Ir. Célia Cabecinhas







As Jornadas Missionárias de 28-29 de setembro 2019 com o tema: “Batizados e Enviados. A missão na ação evangelizadora do cristão”, situaram-se dentro de dois marcos importantes da nossa caminhada missionária: O Mês Missionário Extraordinário de outubro 2019 para toda a Igreja universal declarado pelo papa Francisco com o tema: “Batizados e Enviados. A Igreja de Cristo em Missão no mundo”, e o Ano Missionário extraordinário que a Conferência Episcopal Portuguesa declarou com a Nota Pastoral: “Todos, Tudo e Sempre em Missão”.

Desde o início que o objetivo estava claro: “avivar um anúncio que oferece aos crentes, mesmo tíbios e não praticantes, uma nova alegria na fé e na fecundidade evangelizadora (EG 11). Penso que as comunicações apresentadas pelos vários oradores levaram cada um dos participantes a uma maior profundidade do ser missionário hoje. Cada um pode descobrir que cada igreja é fruto de uma missão. Não é fácil compreender esta afirmação dentro do nosso contexto: é que para nós o cristianismo parece ser tão evidente que dá a sensação de que foi sempre assim, esquecendo que, também no nosso caso, existe uma Igreja porque alguém veio, de fora, semear essa semente do Evangelho. Nós também recebemos o dom da fé porque alguém veio pregar-nos, alguém veio batizar-nos, ensinar-nos como ser testemunhas de Jesus no mundo.

D. Manuel Linda, respondendo à questão: Batizados e enviados. A Igreja de Cristo em Missão no mundo. Porquê? Para quê? Ao acentuar como central o Documento do Vaticano II sobre a atividade missionária Ad Gentes, apela a uma redescoberta deste documento para a missão da Igreja. Sendo a sua “prioridade essencial”, diz que a missão não é uma simples escolha ou opção: é uma tarefa essencial à fé e consequência necessária da adesão a Cristo. Pelo Batismo estabelece-se uma relação íntima, exclusiva, total com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, nascendo daí o desejo de anunciar esta intimidade, esta revelação, este testemunho de dar a conhecer Alguém que me ama.



Deste modo, pertencer à Igreja é ser instrumento funcional da redenção de todos. É contribuir, com o máximo das forças e com o dinamismo possível, para que, em todos os horizontes universais, Deus seja conhecido e amado e os homens vivam fraternalmente.



evangelização leva sempre à evangelização. Não é algo que se realiza em algumas partes do mundo nem apenas em certas atividades, mas que envolve toda a realidade da Igreja. Cada vez estamos mais conscientes de que somos cidadãos do mundo e que a missão da igreja consiste em proporcionar a realização afetiva e efetiva da grande família humana, algo consubstancial a uma fé que crê que Deus é Pai de todos os homens e mulheres.

No campo da evangelização, o P. José Antunes da Silva, na sua “Missão intercultural...” diz que a interculturalidade é o caminho para ultrapassar quer posições de uniformidade, quer a pulverização em



sejam partilhados, assumidos e, se necessário for, transformados para melhor possibilitarem a cidadania da paz de que fala São Paulo na carta aos Efésios. E esta perspectiva introduz na missão uma enorme responsabilidade e constitui uma chamada permanente à humanidade de fazer chegar o amor de Deus a todos os homens. A missão reclama e exige deixar-se guiar pelo Espírito, uma vez que é ele “o protagonista da missão”.

Qual o eco que hoje ouvimos? Para responder a esta questão, D. António Couto, aponta que o “Espírito se manifesta como Pessoa e dom que convida a ir sempre mais além”, mostrando a importância que implica o fato de seguir os impulsos do Espírito que umas vezes envia para fora e outras chama desde a outra margem. “Fora” encontra-se o coração do mundo, e somente saindo se pode perceber os seus latidos e as suas inquietações. Por conseguinte a pastoral necessita cruzar as margens e saltar fronteiras. A grande tentação das paróquias e dioceses é a comodidade e a instalação de quem se sente a gosto no jardim que rodeia o campanário e o templo. O sopro do Espírito (a nova pastoral) necessita valorizar as saídas, a decisão de quem salta as margens. E todo o cristão deve sentir-se implicado na missão.

O Espírito que oferece a alegria da comunicação que recria permanentemente a comunhão, que impulsiona para fora, está também trazendo desde fora, chamando as igrejas desde o outro e desde a outra margem. A partir do Pentecostes aquela Igreja inicial vai-se realizando em diversos lugares e entre diversas etnias e raças. Assim vão surgindo as múltiplas igrejas, também todas e cada uma das nossas igrejas em Portugal. Cada uma das nossas igrejas vive desse dinamismo e tem de assumir como própria a mesma responsabilidade. É importante que cada uma das nossas igrejas saiba viver de modo ge-

núino a frescura da fé e saiba descobrir de modo vivo o horizonte da missão. Daí que cada uma deve realizar um verdadeiro discernimento para saber em que medida as suas práticas atuais: pastorais e missionárias, fazem transparente essa lógica de fundo que é a única que justifica a sua existência no mundo, pois para isso foram convocadas (batizadas) e enviadas.

úmeras versões eclesiais atomizadas e autónomas. O desafio da missão intercultural é criar uma situação nova onde as diferenças não sejam fator de conflitos insanáveis, mas onde os diferentes valores sejam partilhados, assumidos e, se necessário for, transformados para melhor possibilitarem a cidadania da paz de que fala São Paulo na carta aos Efésios. E esta perspectiva introduz na missão uma enorme responsabilidade e constitui uma chamada permanente à humanidade de fazer chegar o amor de Deus a todos os homens. A missão reclama e exige deixar-se guiar pelo Espírito, uma vez que é ele “o protagonista da missão”.

D. José Cordeiro, ao falar “Da Eucaristia à Missão. Para uma Pastoral missionária em saída”, diz que em cada comunidade, a partir da liturgia, deve existir o espaço adequado para que a fé de cada crente seja também compromisso ativo, responsabilidade geradora de projetos de futuro, preocupação pelo destino do mundo e disposição para poder trazer e dar a sua própria contribuição.

“Todos, Tudo e Sempre em Missão” e sentir-se Batizados e Enviados, é “ser conscientes de que não será possível realizar uma obra eficaz de evangelização sem relançar o impulso missionário das nossas comunidades cristãs” como afirmava São João Paulo II. É ter a sensibilidade para ver as coisas com os olhos amorosos de Deus desde as suas prioridades, e para adotar uma atitude na qual se conjugassem a crítica como a proposta, a sinceridade como o desejo de não ferir ninguém, a experiência com a misericórdia, a luta com a contemplação, o esforço com o agradecimento, a urgência com a paciência amorosa, a denúncia com a compreensão, o realismo com a esperança...



Texto: P. António Lopes  
Foto: João Fernandes



P. Júlio Caldeira

Do dia 6 ao 27 de outubro de 2019 se realizará em Roma o Sínodo para a Amazônia, com o objetivo de “encontrar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, sobretudo dos indígenas, muitas vezes esquecidos e sem a perspectiva de um futuro sereno, também por causa da crise da floresta Amazônica, pulmão de importância fundamental para o nosso planeta” (Papa Francisco, 15 de outubro de 2017).

**CAMINHAR JUNTOS**

Etimologicamente a palavra Sínodo significa “caminhar juntos”. Na tradição eclesial pós Vaticano II, é uma prática realizá-los para re-flexionar juntos alguns assuntos concernentes à Igreja Católica ou problemas referentes diretamente a uma região determinada, como é o caso da Amazônia, que responde a um chamado do Papa Francisco à toda a Igreja para olhar e defender integralmente esta realidade. É uma assembleia para pensar juntos os novos caminhos da Igreja desde esta realidade e da trajetória dela nos últimos cinco séculos, entre luzes e sombras, bem como aprender dos seus povos e tradições elementos para uma ecologia integral (Laudato Si’, 137-162).

**O QUE ESTÁ EM JOGO?**

O bioma amazônico representa 43,8% da América do Sul com uma extensão de 7,8 milhões de Km<sup>2</sup> (equivalente a 76,6% da superfície da Europa), partilhada por nove países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Sua população é de aproximadamente 34 milhões de habitantes, dos quais 15% são povos indígenas autóctones pertencentes a 385 etnias e falando aproximadamente 240 línguas diferentes. Sua rica biodiversidade também alberga 20% da água doce, 1/3 do material genético e de bosques primários do mundo, com milhões de espécies animais e vegetais. É a maior província mineral e a segunda região geopolítica estratégica do planeta, sendo objeto de interesses internacionais das grandes potências, que estão levando ao desmatamento, queimadas, mineração e pecuária insustentável para o ambiente e que gera grandes impactos ao clima do planeta. Sua riqueza sociocultural também vem perdendo muito sua identidade e “a par do patrimônio natural, encontra-se ameaçado um patrimônio histórico, artístico e cultural” (Laudato Si’, 143).

**O QUE PODEMOS FAZER JUNTOS?**

Este Sínodo é uma oportunidade para a construção de uma Igreja Católica encarnada na realidade amazônica, inculturada

e a partir da sinodalidade, no seu anelo de ser uma “Igreja com rosto amazônico”, exercendo seu papel profético e onde todos tenham a oportunidade de participar.

Até o momento se viveu intensamente o processo pré-sinodal, onde mais de 87 mil vozes distintas foram escutadas nas comunidades, paróquias, vicariatos, prelações e dioceses amazônicas e em diversas partes do mundo, onde se realizaram 260 eventos como assembleias territoriais, fóruns temáticos, círculos de conversação e eventos académicos. Desde que saiu o documento de trabalho em junho passado, cada país realizou assembleias pré-sinodais com a participação de agentes pastorais, ministros e da população indígena, camponesa, urbana e afrodescendente para estudá-lo, junto aos bispos que participarão do Sínodo.



A celebração do Sínodo será uma oportunidade para colocar em comum o ideal de continuar construindo uma Igreja Católica que demonstra sua “unidade na diversidade” e que quer assumir um serviço ao

Evangelho adequado a nossos tempos e à realidade histórica, social e cultural da Amazônia, para uma vida em plenitude para todos (como quer Jesus - cf. Jo 10,10 – e é o sonho dos povos indígenas - Sumak Kawsay).



Texto: P. Júlio Caldeira, Missionário Comboniano, na Amazônia  
Foto: DR